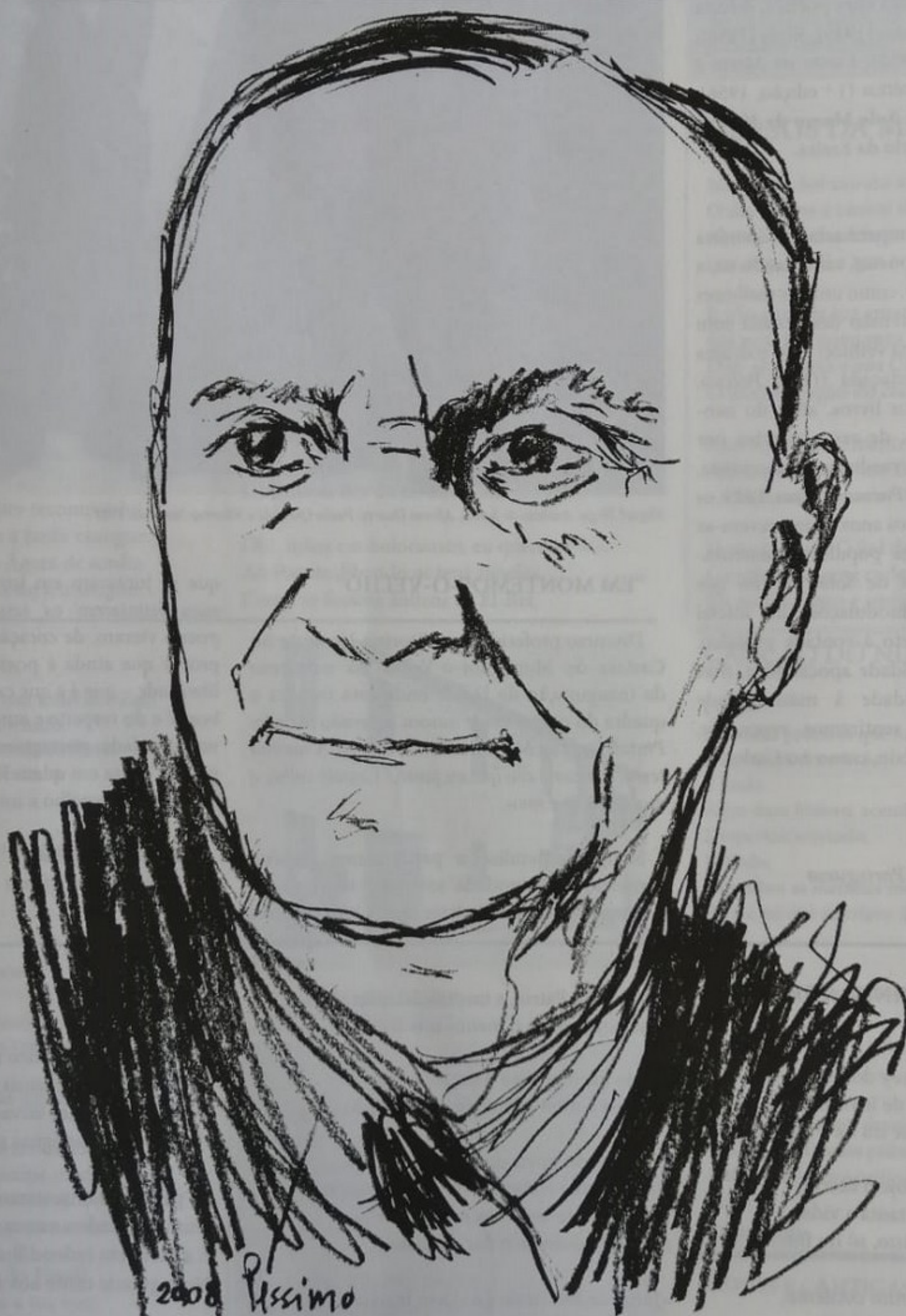
Homenagem a

Afonso Duarte

05 de Março de 2008

Afonso Duarte – O Homem e o Poeta

Somos duas instituições de índole cultural, uma já considerada de utilidade pública, a Editorial Moura Pinto, criada em 1994 sobre os auspícios de Fernando Valle, lá na Vila de Coja, com o objecto de cumprir a "arganilidade" dentro e for a de portas, a outra, A Alternativa, criada agora, no verão de 2007, sob o cunho de Amadeu Carvalho Homem e seus pares, em Coimbra, para, a seu modo, dinamizar culturalmente a chamada " Sociedade Civil" da cidade de Coimbra e mais ambiciosamente estendendo a sua influência à zona centro do país e, porque não, ao resto do rectângulo dito "Lusitano".

A talhe de foice, calhou, ou fez-se calhar, que desta vez nos encontrassemos para dar cumprimento a um momento comum de de cumplicidade: evocar Afonso Duarte a 5 de Março em Coimbra e logo a seguir, a 8, em Ereira.

Afonso Duarte era, acima de tudo, um humanista, cultivou o intelecto do seu ser e dos seus saberes mas também cultivou a terra agrícola na sua Ereira.

Foi poeta-cavador como ele próprio se apresentava .

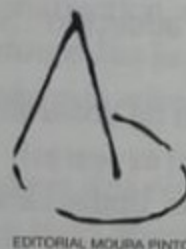
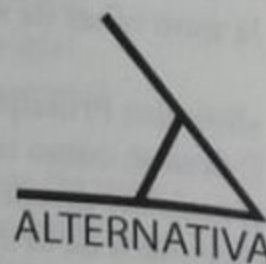
Nós eramos demasiado jovens quando Afonso Duarte era demasiado velho (agora chamam-lhe sénior) e se eu ainda recolhi a imagem de Homem de chapéu preto com a fita meio surrada à camponês, deambulando pela baixa Coimbra, o Amadeu nem tanto. O que nos restou, e não foi pouco, foram as referências antes da sua obra de escritor. As do seu perfil de Homem de culturas, precursor no seu tempo, de uma serenidade e descrição pouco comuns entre seus pares. Desalinhado quanto bastava, não prescindia da sua tertúlia onde entre afectos e díspares realçava a tolerância como sua ferramenta de intervenção, considerando-a mesmo como uma relação de superioridade.

Para ele, o Homem tanto tem o dom de amar como de odiar, de respeitar como de desrespeitar, de pacificar como de guerrear, de ser fraterno como de o não ser.

É com eles, os homens, que temos de resolver diferenças (tão actual!), é com eles que temos que encontrar a solução para os conflitos. O respeito pelos outros, fundamentalmente pela diferença, é o que nos resta.

Do Homem ousámos, o que dizer o que dissemos, outros dirão o que se lhes aprestar.

Do Poeta, dir-se-à o que ele próprio nos legou – os seus poemas.

Manuel Francisco Costa
Presidente da Editorial Moura Pinto
Amadeu Carvalho Homem
Presidente da Alternativa

Homenagem a Afonso Duarte

Afonso Duarte nasceu a **1 de Janeiro de 1884**, na aldeia da Ereira, freguesia de Verride, concelho de Montemor-o-Velho. Publicou, entre outros livros, *Cancioneiro das Pedras* (1912), *Barros de Coimbra* (1925), *Os Sete Poemas Líricos* (compilação da sua obra poética, inédita e publicada, 1929), *Ossadas* (1949), *Sibila* (1950), *Canto de Babilónia* (1952), *Canto de Morte e Amor* (1952) e *Obra Poética* (1.ª edição, 1956). Morreu em Coimbra, a **5 de Março de 1958**, e foi sepultado no cemitério da Ereira.

Miguel Torga, António de Sousa, Afonso Duarte, Paulo Quintela e Vitorino Nemésio, 1937

"[Afonso Duarte] acompanharia em Coimbra sucessivas gerações de poetas, salientando-se, a partir de *Ossadas* (1947), como um dos melhores líricos actuais pela contensão descarnada com que dá, no drama de uma velhice, todo o drama de uma geração amordaçada (*Obra Poética*, 1956); os seus primeiros livros, afins do neo-romantismo saudosista, de resto tocados por certa tradição bucólica medievo-renascentista, foram reunidos em *Os 7 Poemas Líricos*, 1929; os seus volumes editados nos anos 50 inscrevem-se numa tradição aforística popular-bandarrista-vicentina e do Camões de *Sobre os rios que vão…*, e apresentam modulações do inicial panteísmo para um certo à-vontade prosaico, para uma certa religiosidade apocalíptica, mas numa constante fidelidade à materialidade pétrea ou óssea que sentiremos repercutir, tanto no Vitorino Nemésio, como no Carlos de Oliveira finais."

Óscar Lopes
História da Literatura Portuguesa

"EM MONTEMOR-O-VELHO"

Discurso proferido por Vitorino Nemésio no Castelo de Montemor-o-Velho no momento da inauguração da lápide onde está inscrita a quadra do poeta: *Onde nasceu o Fernão Mendes Pinto?/Jorge de Montemor onde nasceu/A mesma terra, o mesmo céu que eu pinto,/ Castelo velho, o que foi deles é meu.*

Se não generalizo a partir duma possível consciência acomodada aos meus sentimentos e propósitos poderei dizer que todos aqueles que se juntaram em torno de Afonso Duarte para festejarem os seus cinquenta anos de poesia vieram, de coração puro e mente limpa, provar que ainda é possível, em íntima e viva liberdade – que é a que cada qual tira da própria boa fé e do respeito e amor aos outros – realizar unanimidade portuguesa na admiração dum grande poeta em quem Poesia e Vida se uniram servindo de espelho a uma grande alma."

Vitorino Nemésio
Homenagem a Afonso Duarte (24 de Junho de 1956)

DIÁLOGO COM A MINHA TERRA

Ilha da Ereira, ó Guernesey dorida,
Onde me exilo a este sol de inverno,
Que irá no meu País? Que irá na Vida?

Vai um Sol admirável! Hoje o Eterno
Desceu ao Paraíso… E é tanta a vida
Que a mal-dizem: «Mas isto, só no Inferno!»

Já por que veja ao pé de mim contente,
Sorrindo a pobre gente,
Digo-lhe, exclamo eu:
«É porque não cabe no céu!»

De mais não sofro neste meu exílio,
Em meio desta vida árida e crua,
Eu que nasci para perpétuo idílio?

Voltam Eles: «A nossa fronte sua,
E vós tendes beleza, amor erguido,
Olhando os campos, na ascensão da Lua,
Já num olhar de moça adoecido…»

«Sois um Príncipe aqui na vossa aldeia,
É doutor, como vai, vão as searas?
E mais lhe dizem lindas, lindas caras,
Que mãos de bruxa são quem as penteia!»

«Vós sois a Pátria, a inspiração mais alta!»
Mas hoje, sim, é o menos que lhe falta!

«Dais-lhe o génio e a acção!»
Mas ela a mim só me dá consumição…

Lusíadas do povo, ando a escrevê-los,
Vereis então como era outra a sua sorte,
Já fiados que tenho os meus novelos,
Se a dobadoira não fiar a morte…

«Jorge de Montemor é vosso irmão!»

Sim: mas onde haverá loira Princesa?

«Princesinhas de Espanha em seus castelos,
não?»

Ah! de vós que Senhora Portuguesa,
De vós meu coração,
Que é a Duquesa de Sesa,
Senhoras dos meus cantares
Qual de vós a Marquesa de Comares?

«Mas nenhuma, nenhuma
Más es para la admiración que para la pluma!»

Ilha da Ereira, ó Guernesey dorida,
Que irá no meu País, que irá na Vida?...

RÚSTICA

Reza de longe o cântico das Fontes
De perdido nas músicas da aragem;
E entre o culto das seivas que reagem
Há noivados nas águas e nos montes.

As paisagens orquestram partituras
Duma saudade-amor que nos encanta;
E a Terra em redondilhas se levanta
Num grande canto aos astros das Alturas.

Soam preces de mágoa nos ribeiros…
Fervilha gente pobre nos trabalhos
Das eiras e dos campos; por outeiros

Falam zagais e gados… Vai depois
– Lá como voz perdida por atalhos –
Uma arenga na encosta: Eh! gente! Eh! bois…

SENTENÇA

Sê sóbrio,
E sorri das tonturas dos medíocres
Com dó e piedade.
Não descubras que existes:
Tem caridade.

EX-VOTO DA PAISAGEM DE COIMBRA AO PÔR DO SOL

Sangue de Inês, Coimbra, é o teu ex-voto,
Ah! Quem o crime estranha, a morte chora?
Inês, ó mísera, teu nome invoco
Ao rito da paisagem que o memora.

Em teu perfil da magoada ausente
Que Coimbra de lágrimas incensa,
Teu sangue, ó mártir, exilou em Poente,
Doou-te o amor espiritual presença.

Teu infortúnio, aos meus lábios, timbra,
Sanguínea a golpes na hora do sol-pôr,
Que aos outonais poentes de Coimbra
O sol é em sacrifício ao teu amor.

E em teu lago, cismático paul,
Olho as nuvens do Céu cor de martírios:
Anda tua Alma poluindo o Azul,
Dorida luz viática de círios.

E ao que esta luz fatídica delira,
E ao que a paisagem tem de insatisfeito,
Com meus dedos em febre, as mãos na Lira,
Soluçarei cuidados do teu peito.

Teu vulto de «mors-amor» recomponho
Quando cai em delíquio a tarde exangue:
– E é a paisagem minha Ágora de sonho
– E é o poente a Legenda do teu sangue.

«Mors-amor», sinto! é a expressão do outono
Que vem dos choupos ao cair da folha!
«Mors-amor», ouço! em ritos de abandono,
É o olor das pétalas que o vento esfolha!

Desígnio de algum choupo ou cedro velho
Quando o sol abre o cálice vermelho
Da imensa flor da tarde, eu sinto, eu sei!

Oh!, mãos em holocausto, eu quero vê-los,
Ao Poente, libando os teus cabelos,
Como se fossem áulicos de El-Rei.

IDEIAS

Honra, Brio, Dignidade:
Onde estais? Quem vos preza?
Não posso viver pobre: – A frialdade
Que me dá toda a pobreza!

Lembram-me bichos, carochas, centopeias,
Musgo, paredes húmidas, bolores,
Ao pensar na pobreza! Ideias.
E causam-me suores.

VERSOS DA MADRUGADA

Manhã de Sol caindo aos silvos na água!
O dia rompe a cantos de epopeia:
Aço de enxadas a bater em frágua,
Luz orquestral a que o verão semeia.

E p'lo sinal da luz amanhecente,
Sol-nosso, o povo reza, Avé-Maria…
Doa-se à Terra e aos Céus por toda a gente
O terrível pagão do claro dia.

E ao Sol o povo, manteando o monte!
Até as pedras deitam flor e fruto!
– Ouço em eco meus versos no horizonte…

Ó dor e amor! Ó Sol da manhãzinha!
Canções da gente rude, se as escuto,
Eu mesmo cavo e sou quem poda a vinha!

CANÇÃO

Manhã para o jardim: sou todo às rosas;
Meus cravos que vão abrindo.
E dentre a gárrula infantil das flosas
Vou cantando e vou sorrindo.

Ingénuo e ledo,
Como se tu, amor, comigo foras,
Folheio manhã cedo
Meu livro de Horas:

Aves e flores!
Tu me prendeste de amores.

Aspiro as rosas, sou atento às aves.
E acompanham comigo (eu nunca vou a sós)
Teus lábios, tua voz.
São aroma e são canto as minhas saudades.

Fraguedos que eram Torres de Mensagem
Via-os eu como um príncipe medievo!
E a Tarde em vindo, aos ritos da Paisagem,
Era um céu de Saudade ao teu enlevo.

Saudade! – é a velhinha do Passal
A quem ouço hoje ainda a tua voz:
«Vai satisfeita agora? e afinal?
Já viu que éramos nós?»

Era à hora do Sol que os montes avizinha
E em lilazes de sombra a luz fenece
Que tu mais eras minha!

Litúrgica tardinha
Onde tu eras prece…

CANTIGAS

1

Não há pressas, nem demoras,
No coração das cantigas;
Nem os relógios dão horas
Quando cantam raparigas.

«Eu em Presépio com meus pais e irmãos» Casa familiar de Afonso Duarte, na Ereira. (Fotografia de Varela Pècurto, cedida pela Câmara Municipal de Montemor-o-Velho)

2

Como algum dia ando hoje;
Sou o mesmo apaixonado;
Quem disser que o tempo foge
É de nunca ter amado.

3

A saudade é queda d'água
Que ao longe quebra, ao bater;
É um compasso de mágoa
Marcado por te não ver.

4

Como um adeus de saudade
Não há palavra tão louca:
Dizer adeus, ninguém há-de
Ouvi-lo da minha boca.

5

Quem ama liga-se à terra,
Quem canta, ao reino dos Céus;
Quem pára que Deus o salve,
Quem anda que vá com Deus.

CANÇÃO DO NU

Lindo
Mármore precioso que na alcova
Surpreendi dormindo!
E lindo
À luz dum fósforo, acendido a medo,
Despertou sorrindo.
E, lindo,
Dos olhos as meninas me saltaram
Para o nu que se estava descobrindo.

Linda!
Ficou-se ao desgasalho adormecida,
Ai vida,
Como ainda não vi coisa tão linda.

Linda,
Braços abertos em desnudo amplexo,
Seu corpo era uma púbere mendiga,
E ele é que estava pedindo,
Lindo,
O meu sexo.

ROSAS E CANTIGAS

Eu hei-de despedir-me desta lida,
Rosas? – Árvores! hei-de abrir-vos covas
E deixar-vos ainda quando novas?
Eu posso lá morrer, terra florida!

A palavra de adeus é a mais sentida
Deste meu coração cheio de trovas…
Só bens me dê o céu! eu tenho provas
Que não há bem que pague o desta vida.

E os cravos, mangerico, e limonete,
Oh! que perfume dão às raparigas!
Que lindos são nos seios do corpete!

Como és, nuvem dos céus, água do mar,
Flores que eu trato, rosas e cantigas,
Cá, do outro mundo, me fareis voltar.

EPIGRAMA

Há só mar no meu País.
Não há terra que dê pão:
Mata-me de fome
A doce ilusão
De frutos como o sol.

Uma onda, outra onda,
O ritmo das ondas me embalou.
Há só mar no meu País:
E é ele quem diz,
É ele quem sou.

PARÁBOLA

A minha sombra é longa como o leito dum rio.
Tenham cuidado os que vão de rio acima
Porque só podem ir de rio abaixo.

A minha sombra é longa como a vela dum navio
Que sai da barra para inóspito clima:
E em vão procurareis o que eu não acho

Em vão procurareis: Que só em mim
A minha sombra tem princípio e fim.

FLOR

Vive-se de olhar uma flor,
Contar-lhe as pétalas
E beber-lhe a cor:

E pode ser o melhor
(Se a alma não está comprometida)
E pode ser o pior
Que tem a vida.

CAMPO

A Alberto Martins de Carvalho

Este verde impossível de se ver,
Que alegre o camponês cultiva a prazo,
Não dá sequer para me aborrecer
Na extensão sem fim do campo raso.

Sem fim, a vida, deixa-se correr
Lisa e fatal, serena, sem acaso.
E acontece o que tem de acontecer
Como quem já da vida não faz caso.

Nada se passa aqui de extraordinário:
Tudo assim, como peixe no aquário,
Sem relevo, sem isto, sem aquilo;

Muito bucólico a favor da besta,
O campo, sim, é esta coisa fresca…
Coaxar de rãs, a música do estilo.

PALAVRAS

Há palavras que são de carne viva,
Outras mortas que não nos dizem menos
Porque digam oculto o que sofremos
Como o perfume de uma rosa antiga,
  Palavras acerosas como urtiga,
Há as esmagadas com o cheiro a fenos,
Outras com asas de leais acenos.
As que trazem diante a mão amiga.
  Palavra que se diga até à morte!
Nunca sejam palavras de tal sorte
Que mais nos pareçam dar-nos morto;
  Palavras que estremeçam alma e corpo!
Pois a vida perfeita, quando a abra
A voz do coração, é ter palavra.

PRIMAVERA

A João José Cochofel

Rescendem de aroma os montes
E, entre rosas e balidos,
Cantam líricas as fontes.
E outros tantos sentidos
Do alvoroço dos sexos
Espalham-se no ar perplexos.

Agora que o tempo abre
Não há festa de mais festa
Do que ser flor ou ser ave.
Ser a cor e o chilreio
Onde o céu se manifesta,
Donde a poesia me veio.

E os deuses que andaram cá
Bem souberam o que há:
Pois se ao caule se abraça a hera
Queres que abrace ninguém?
Como a terra é esposa e mãe,
Vem de noiva a primavera.
Mas ai flores, tudo flores,
Nas imagens dos altares,
Na poesia e nos amores
E nas pedras tumulares:
Flores me levem ao céu,
Na terra chorarei eu.

Sim, primavera da vida,
Quanta lágrima perdida
Anda debaixo do chão!
– Flores, suor do meu rosto.
Espinhos me dão encosto,
Flores me negam o pão.

Flores, flores olorosas,
Ai néctar de urnas discretas,
Cai a abelha de fadiga
No pólen – o pão das rosas,
E é esta sempre a cantiga
Que agrada ao mundo e aos poetas.

BUCÓLICA

Choveu. E que bonitos os batatais,
  Os feijoais, os milharais!
Videiras, tenho-as já que me dão provas.
  E as árvores novas?
  Cada rebento, um braço.

Depois, vem sol: Um solzinho lindo
  Como um efebo loiro.
  E, orvalhadas,
  Ervas e plantas
– Riquezas que do céu nos foram dadas –
  Riem à luz de oiro
  Suas pérolas de água.

E depois? – É a fome! Insectos voam.
  Voa maligno bezoiro
Com seu ruído metálico nas asas!

Eh! bezoiro! – berro! Eh! bezoiro,
  Poupa-me as rosas…

Vem galear o milho a bicha gala!
E, de manhã à tarde, é só catá-la
  – A lagartixa das hortas
  Que dá nas couves,
Na penca, na galega e na lombarda.

Já, no ervilhal, é passarada a eito,
  Apesar da humana condição
Do boneco a baloiçar o chapéu mole.

E, com a maior falta de respeito,
É de noite, o coelho, ao granzoal de bico.

  Bonito!
Bonita primavera! Chuva e sol.

DUAS QUADRAS

Podem encher-me os punhos de grilhetas
Ou pregar numa cruz a vida minha
Não é canto propício de poetas
O velho medo que guarda a vinha.

O antigo é a doença que eu mais detesto,
É viciar o que já foi virtude!
O tornar ao passado é sempre um resto,
Ou, pior, uma falta de saúde.

TERRA NATAL

A Paulo Quintela

E cá mesmo no extremo Ocidental
Duma Europa em farrapos, eu
Quero ser europeu: Quero ser europeu
Num canto qualquer de Portugal.

Como as ondas do mar sabem ao sal,
A ave amacia o ninho que teceu;
Mas não será do mar, e nem do céu,
Porque me quero assim tão natural.

E se a esperança ainda me consente
No sonho do futuro, ao mal presente
Se digo adeus, – é adeus até um dia…

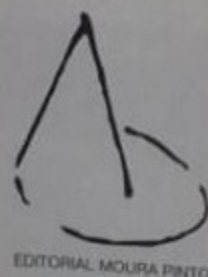
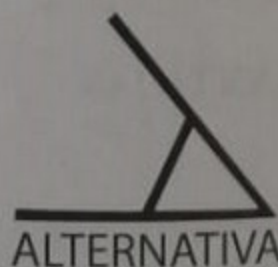
Um presídio será, mas é meu berço!
Nem noutra língua escreveria um verso
Que me soubesse ao sal desta harmonia.

PORQUE MORRI

Porque morri
Se Maio me dá rosas?
(E sabe algum pintor
A pureza da cor
Que têm as rosas?).

Se é uma flor a existência,
Na minha consciência
Que morri.

Edição de 1000 exemplares, distribuídos gratuitamente, em Coimbra e na Ereira, nos dias 5 e 7 de Março de 2008.

Homenagem da **Editorial Moura Pinto** e da associação cultural **Alternativa**, no **50º aniversário da morte do poeta Afonso Duarte.**

ALTERNATIVA

Desenho de Alberto Péssimo
Design de Diana Gonçalves